

# Rainer Maria Rilke – Quarta Elegia

Ó árvores da vida, quando atingireis o inverno?  
Ignoramos a unidade. Não somos lúcidos como as aves  
migradoras. Precipitados ou vagarosos  
nos impomos repentinamente aos ventos  
e tornamos a cair num lago indiferente.  
Conhecemos igualmente o florescer e o murchar.  
No entanto, em alguma parte, vagueiam leões ainda,  
alheios ao desamparo enquanto vivem seu esplendor.

Nós, porém, quando pensamos totalmente o Uno,  
logo sentimos o lastro do Outro. A hostilidade  
aguarda, muito perto. Os amantes  
não hesitam, sem cessar,  
entre limites – eles que aspiravam refúgio, espaço, busca?  
Compõe-se, então, para a fugitiva imagem de um momento,  
um fundo de oposição, penosamente, para que  
a possamos ver; que clareza se nos proporciona,  
a nós que ignoramos o contorno da sensação,  
aderidos ao exterior de sua for  
não estejam ao meu lado, nem mulher, nem mesmo  
a criança de olhos castanhos e estrábicos –,  
ficarei à espera. Sempre há o que ver.

Não tenho razão? Tu, que por mim provaste  
a amargura da vida, pai, penetrando  
a minha, tu, que provaste a infusão  
turva de meu destino, quando ao teu lado  
crescia, e, inquieto pelo ressaibo de futuro  
tão estranho, puseste à prova  
meu olhar velado ainda – tu, meu pai,  
que desde que morreste, tantas vezes  
na esperança que levo em mim, tens medo,  
e que por meu destino incerto abandonas

a serenidade dos mortos, reinos  
de serenidade, não tenho razão?

E vós – não tenho razão? –, vós que me  
amastes pelo tímido início de amor  
que vos tinha e do qual me evadia,  
pois o espaço que amava em vosso rosto  
em espaço cósmico se transformava. – Enquanto  
guardo diante do palco dos títeres – não,  
quando me transformar inteiramente num intenso  
olhar, um Anjo surgirá para refazer  
o equilíbrio, como o ator que anima os títeres.  
Anjo e boneco: haverá por fim espetáculo.  
Congrega-se então o que, sem cessar,  
nossa existência mesma desagrega. E nasce  
das nossas estações o ciclo da transformação  
total. Muito acima de nós, o Anjo brincará.  
Olhai, os moribundos não mais suspeitariam  
que é pretexto e irrealdade tudo o que aqui  
fazemos. Oh, dias da infância, em que atrás  
das figuras havia mais do que passado e em que  
diante de nós não se abria o futuro!  
Crescíamos, é certo, aspirando, às vezes,  
tornar-nos grandes, talvez por amor  
daqueles que nada mais tinham, senão  
o “ser grandes”. E lá permanecíamos,  
em nossos caminhos solitários,  
na alegria do perdurável, nos limites  
do mundo e do brinquedo, no espaço que desde  
a origem foi criado para um puro evento.

Quem mostra uma criança tal como é? Quem a  
situa na constelação com a medida da distância  
em suas mãos? Quem faz sua morte  
com pão cinzento que endurece – ou a abandona  
dentro da boca redonda, como o coração  
de uma bela maçã?... Compreendemos facilmente

os criminosos. Mas isto: conter a morte,  
toda a morte, ainda antes da vida,  
tão docemente contê-la e não ser perverso,  
isto é inefável

**Rainer Maria Rilke, Elegias de Duíno**